

OS TIMORENSES, PORTUGAL E A INDONÉSIA factores na formação de identidade

*Maria Johanna Schouten*¹

Há duas abordagens nas questões de identidade colectiva, etnicidade e nacionalismo. Por um lado, a que pode ser chamada «essencialista», que salienta as características e a «unicidade» do grupo em questão, bem como a sua existência supostamente multissecular. Uma outra maneira de ver é focar as distinções com os Outros grupos e as suas razões. Esta é a abordagem hoje em dia, geralmente, adoptada nas ciências sociais, inclusive nesta comunicação.

Identidades colectivas são criadas, apagadas e reformuladas, consoante o contexto e o momento conjuntural. No caso de Timor Leste, foi o regime colonial português, mas mais ainda a invasão pela Indonésia, que criaram a consciência, que agora existe, de «Timor Leste, Um Povo, Uma Pátria».²

«Identidade» não se relaciona apenas com a percepção do próprio grupo, mas também com a visão e a atitude de Outros; no caso de Timor Leste, durante 23 anos, em primeiro lugar a Indonésia. A visão oficial dos Indonésios naquele período sobre o «carácter» dos Timorenses é significativa, atendendo à condição da Indonésia como estado ainda jovem, à procura dum espírito nacional num ambiente de multiculturalidade.

Na breve análise que se segue, tenciono examinar certas ideias sobre a «cultura» e a «história» de Timor Leste, e o papel de factores relacionais na cristalização da identidade. Os dados advêm de pesquisa bibliográfica sobre Timor, e investigações diversas sobre a, e na, Indonésia.

A SINGULARIDADE DO POVO DE TIMOR LESTE

Em aparência física, e características das suas culturas - antes da influência ocidental - a população de Timor Leste não é distinta dos povos à sua volta: aqueles na parte ocidental da ilha, ou nas ilhas vizinhas. Na antropologia refere-se à «zona cultural Flores-Timor»,³ que por sua vez conta com numerosos grupos etno-linguísticos.

Apesar de a história recente de Timor Leste ainda não estar escrita, pode-se constatar que os habitantes, na sua larga maioria, durante a ocupação pela Indonésia ultrapassaram as divergências anteriores. Era urgente, por um lado, se demarcar bem do adversário comum, e, por outro lado, sublinhar a unidade entre todos os Timorenses do território colonizado pelos Portugueses. Esta formação da «identidade colectiva» do povo de Timor Leste necessitava ser apoiada por ideias e factos, ou ideias sobre factos.

Em primeiro lugar, o grupo precisava dum nome. Assim surgia o nome «Maubere», que até então apenas era um termo depreciativo que os Portugueses utilizavam nos contactos com Timorenses «simples».⁴ Esse novo nome foi utilizado pela Fretilin. Apareceram em 1975 o seu jornal bilingue (em Português e em Tétum) *Timor Leste: Povo Mau Bere*, e a sua emissora de rádio, Radio Maubere.

¹ Universidade da Beira Interior

² Título dum livro de Xanana Gusmão (1994).

³ Ver Barnes 1996.

⁴ Há, no entanto, outras explicações da sua origem. Ver Araújo 1975: 10; Carey 1997: 17; Carrascalão [em *Assembleia*] 1999: 103.

Recentemente o termo Maubere tem caído em desuso, e preferência é dada a «Povo de Timor Leste», ou, então, em Tétum, «de Timor Loro Sa'e».

A ideia de uma experiência histórica em comum também é quase imprescindível para uma identidade colectiva. Mitos sobre a origem em Timor estão ligados ao crocodilo, considerado um animal sagrado. Reza o mais divulgado mito que a ilha é um crocodilo petrificado: há outros que apontam para o crocodilo como antepassado dos timorenses. O crocodilo figura frequentemente como símbolo de Timor Leste, embora o povo de Timor Leste partilha essas tradições com os habitantes de Timor Ocidental.⁵

Para além dos mitos sobre períodos longínquos, às vezes faz-se alusão aos dois reinos que, no século XVI, existiam em Timor, com poder de influência respectivamente no ocidente, e no centro-orientado da ilha. No entanto, a partilha de Timor entre Portugueses e Holandeses não foi efectuada em função das duas organizações políticas timorenses. Um tal respeito seria, aliás, um caso singular na história do colonialismo e imperialismo, em que por regra os territórios extra-europeus foram divididos arbitrariamente entre os poderes ocidentais. O recurso à etno-história para justificar as reclamações é frequente, mas quanto a Timor, João Carrascalão era realista ao dizer, em 1995, «.. exigimos a independência daquilo que foi o Timor Português e não a independência daquilo que fazia parte do reino dos Belos.»⁶ Efectivamente, a verdadeira história em comum, e também a base justa das exigências dos Timorenses orientais, era o facto de ser colonizado pelos Portugueses.

Um efeito eficaz e imediato, na identificação de elementos dum grupo, vem de aspectos da cultura material, nomeadamente as intervenções sobre o corpo, a roupa e o adorno corporal, - o que Nash chamou de «surface pointers».⁷ Para o povo de Timor Leste, funcionam assim os *tais*, panos de algodão fabricados a base da técnica de tecelagem *ikat*, com os seus padrões complexos e encantadores. Também há determinados tipos de jóias, cujo uso se limita a determinadas cerimónias.

Essa cultura material, nomeadamente o *ikat*, é divulgada em toda a zona do sudeste do arquipélago malaio. Em Timor Leste, a prática das técnicas de tecelagem diminuiu durante a época «portuguesa», e houve mesmo uma proibição oficial do uso de certos panos tradicionais como vestuário.⁸ Os funcionários coloniais consideravam esses objectos como provas demasiado visíveis do défice de «aportuguesamento» de Timor.⁹

Ironicamente, os factores que parecem fornecer a maior identificação aos timorenses orientais podem ser considerados legados dos portugueses. Uma primeira herança explícita é o catolicismo. Mas, ainda em 1974, a esmagadora maioria da população continuava com a sua religião étnica.¹⁰ A grande afluência à religião católica ocorreu só depois da invasão pela Indonésia. A igreja forneceu um ponto de orientação, e o catolicismo reforçou a identidade como povo em distinção com a Indonésia, país maioritariamente islâmico. No entanto, Timor Leste não é um enclave católico no meio de povos com outra religião - em Timor Ocidental, e ilhas vizinhas o cristianismo está representado em peso.

Outra herança da época colonial é a língua portuguesa, agora associada com as «saudades»: memórias boas mas idealizadas. Em 1974 só uma pequena parte da população dominava essa língua. Tudo indica que foi exactamente a política indonésia,

⁵ Cinatti 1987: 154-160; Schulte Nordholt 1971: 323; Lombard-Jourdan 1997.

⁶ *Assembleia* 1999: 103.

⁷ Nash 1989: 12.

⁸ Castelo 1998: 122.

⁹ Ver, por exemplo, Almeida 1994: 458-461 [1961: 36-39.] Ver também Schouten 2000.

¹⁰ Em 1974, da população de 680.000 apenas 220.314 eram católicos (Aditjondro 1993: 39, citando fontes estatísticas da igreja.)

que tencionava a erradicar o Português, que suscitou uma reacção contrária às suas intenções.

Os Indonésios, ansiosos de eliminar um obstáculo principal no processo de integração de Timor Leste, visavam não apenas a substituição do Português pelo Bahasa Indonésia como língua oficial, mas também o seu papel como língua veicular. Linguístas indonésios apontaram a convergência entre a estrutura do Bahasa Indonesia e o Tétum, a mais divulgada língua vernacular de Timor Leste.¹¹ ((Ironicamente, o Malaio (a base do Bahasa Indonesia) já foi uma língua franca em Timor Leste, mas o seu uso diminuiu no século XIX.¹²) Publicações em Português foram proibidas; apenas algumas obras eclesiais escaparam a essas restrições. A igreja foi pressionada de abdicar do Português, em 1981, mas, provavelmente para espanto dos Indonésios, adoptou o Tétum na liturgia.¹³ O Tétum, originalmente a língua falada por grupos em várias zonas de Timor oriental e ocidental, tornando-se desde o século XIX a língua franca em Timor Leste, assumiu-se como a sua «língua da religião e da identidade».¹⁴

Dos factores de identidade mencionados em cima, muitos têm uma relação nítida com a presença dos Portugueses. É de supor que esta presença nunca teria um papel tão forte e positiva na (in)consciência colectiva timorense se não se tivesse dado a invasão da Indonésia. Entre as justificações que este país adiantava pela sua acção, algumas eram relacionadas com o carácter do povo de Timor Leste. Convém considerar agora a situação de «multiculturalidade» da Indonésia e, à maior escala, do Sudeste Asiático.

ETNICIDADE NA ÁSIA DO SUDESTE

Com a sua grande heterogeneidade de povos de culturas, a zona do Sudeste Asiático tem sido inspiradora de alguns dos estudos pioneiros, e ainda hoje de referência, sobre a etnicidade. Furnivall desenvolveu o seu conceito de «Sociedade Plural» a partir de análises nas sociedades das Índias Neerlandesas e de Birmânia, com as suas divisões rígidas baseadas em pertença étnica.¹⁵ Essa teoria, que assume uma coincidência entre etnia e classe social, mostrou-se útil quando aplicada às sociedades das Caraíbas, mas agora é considerada pouco adequada.¹⁶

Outro estudo influente, largamente baseado nos desenvolvimentos dos anos 1950 em vários países do Sudeste Asiático, foi aquele de Clifford Geertz sobre os «sentimentos primordiais» em estados jovens. Frisou a tensão entre os laços de sangue, de religião, de língua, por um lado, e a cidadania dum estado moderno, associada ao desenvolvimento material e progresso.¹⁷

A análise clássica de Edmund Leach sobre os povos das terras altas na Birmânia, 46 anos após a primeira edição, ainda é actual na sua abordagem de «etnicidade» e «identidade» como processos. As fronteiras entre grupos e comunidades são fluídas, e esses grupos podem mudar na composição. Leach mostra como é normal que uma pessoa daquela região, durante a sua vida, muda de pertença étnica.¹⁸

¹¹ Masinambouw 1980: 79-80.

¹² Thomaz 1994a: 616; Thomaz 1994b: 654.

¹³ Gunn 1995: 119; Carey 1999: 85. No entanto, o Bahasa Indonesia ganhava terreno.

¹⁴ Anderson 1993.

¹⁵ Furnivall 1939.

¹⁶ Van Lier 1971: 9-10.

¹⁷ Geertz 1963.

¹⁸ Leach 1990 [1954]: 2-3; 287.

De resto, encontramos no Sudeste Asiático alguns Estados em que a pertença étnica hoje é um princípio organizacional, tal como na Malásia. Em Singapura, todos os cidadãos são obrigados em enquadrarem-se numa das categorias da classificação «racial» em vigor (a chamada CMIO - Chinês, Malaio, Indiano e Outro).¹⁹

A INDONÉSIA: ETNIAS E NAÇÃO

Na Indonésia, embora também tenha cidadãos de origem chinesa, árabe, indiana e europeia, coloca-se o problema de etnicidade de modo diferente. É um país enorme com centenas de grupos étno-linguísticos, espalhados por milhares de ilhas. Desde a sua independência, nos anos 40, os seus líderes políticos esforçaram-se de criar e cultivar a ideia de nação, apoiando-se numa política fortemente centralizadora, e, durante muito tempo, repressiva. É sobre essa fase que incidem os seguintes parágrafos, fase em que também se dava a ocupação de Timor e as tentativas de sua «integração».

A «Unidade da Indonésia» tem sido como uma profissão de fé para as autoridades, divulgada por inúmeras maneiras. A adopção dum língua nacional, o Bahasa Indonesia, contribuiu sem dúvida para um sentimento de «nação» incipiente. Esta língua não estava associada aos Holandeses, nem a um grupo étnico dominante.

Recorre-se também à história para corroborar a ideia de «nação» entre todos os povos da Indonésia. Às vezes é invocada a união de muitos povos do arquipélago no reino de Majapahit (centrado na Java, séculos XIV e XV) ou, ainda, de Sriwijaya (centrado no Sumatera, séculos VIII-XI).²⁰ Mais eficaz é a alusão a um adversário em comum: os Holandeses, e a resistência dos Indonésios, durante séculos. De grande impacto tem sido o culto oficial de «heróis nacionais», originários de muitos grupos étnicos: todos os elementos desse panteão opuseram-se, com armas ou mais subtilmente, contra o jugo colonial.²¹

Para controlar a diversidade étnica, e evitar iniciativas separatistas, o governo tem desenvolvido várias estratégias. Assim, «Unidade em Diversidade» é um lema oficial complementar àquele de «Unidade da Indonésia». Em certas circunstâncias sublinha-se a diversidade cultural, religiosa e étnica.

No entanto, no discurso oficial os nomes dos grupos étnicos raramente são mencionados, e a palavra etnicidade (*kesuka-bangsaan*) aparece apenas em casos excepcionais. Os grupos étnicos são agrupados conforme a região, surgindo assim «identidades regionais trans-étnicas»,²² em que uma mesma região pode significar um laço primordial para pessoas de vários grupos étnicos. Expressões culturais regionais são permitidas até um certo ponto, nomeadamente as que podem atrair turistas: as danças de Bali, os rituais funerários entre os Toraja de Sulawesi. É uma forma «estetizada» de cultura.²³ Os espectáculos em questão são vigiados e até controlados pelas autoridades, afim de enquadrá-las melhor na ideologia do Estado, ou para aumentar a sua atractividade; por exemplo, há instruções que os dançarinos não devem virar as costas ao público.²⁴

Os palcos na Indonésia sob Suharto não mostraram necessariamente um reflexo da vida do povo, e isso muito menos em Timor Leste ocupado pela Indonésia. É com essa «precaução» que devemos considerar as «danças típicas» de Timor Leste,

¹⁹ Ver Vickers e Fisher 1999: 385-386.

²⁰ Reid 1979.

²¹ Schreiner 1997.

²² Antweiler 1995; Yampolsky 1995: 700.

²³ Acciaioli 1985.

²⁴ Yampolsky 1999: 28-29.

representadas, com fotografias, num álbum oficial de 1996. É de ficar bastante surpreendido ao encontrar, entre essas danças, a *tari vira* e a *tari pauliteiros* (*tari* = dança), com os participantes trajados a rigor. Uma fotografia da «música tradicional koremetan» representa quatro homens tocando guitarra portuguesa, vestidos com um casaco sem lapela, com padrões *ikat*, e chapéus de palha tipo mexicano - em suma, uma verdadeira mistura folclórica.²⁵

Provavelmente esses espectáculos, ou encenações, faziam parte da mesma estratégia que também levou ao programa ambicioso de construção de igrejas católicas em Timor Leste, e a inauguração, por Suharto, duma estátua de Cristo. Assim davam a imagem dos Indonésios serem tolerantes, mesmo em relação à antiga presença portuguesa em Timor Leste, embora no discurso e na prática costumavam menosprezá-la e reprová-la.²⁶

PARA CONCLUIR

Manifestações autorizadas, sob o regime de Suharto, dos vestígios dos portugueses, não são necessariamente incompatíveis com o pregar da ideia que os Timorenses Orientais de facto são Indonésios, e apenas as «manchas portuguesas» deviam ser eliminadas. Pela Indonésia, a anexação de Timor Leste foi frequentemente apresentada como o regresso dum membro da família à casa. Analogia cínica, tendo presente a actuação bélica e sangrenta da Indonésia em Timor Leste. Muitas vezes, os Indonésios defendiam a anexação apontando as convergências dos Timorenses com os Indonésios, sob ponto de vista fisiológico e cultural, portanto numa abordagem essencialista.²⁷

No entanto, o principal fundamento da nação da Indonésia, a luta contra os Holandeses, está ausente em Timor Leste. A origem da Indonésia como Estado estava na relação colonial com a Holanda, e o seu desenvolvimento como nação assentava em parte na distinção opositória com os Holandeses. As relações do povo de Timor Leste com os Outros eram bem diferentes: Timor Leste como país tem a sua base na relação colonial com Portugal, e ganhou força como nação na relação antagonística com a Indonésia. A etnicidade e a cristalização duma nação não podem ser vistas numa abordagem essencialista, embora os «fundamentos» duma cultura ou dum povo sejam atributos necessários para a formação duma identidade. Já considerámos alguns dos elementos «identitários» para Timor Leste, durante o período de ocupação pela Indonésia, tal como a religião e a língua. Mas, como em outros casos de identidade colectiva, o que conta não é uma tradição de muitas gerações, mas um factor relacional, constantemente em (re)construção.

As mudanças recentes em Timor Leste implicaram mudanças nas suas relações com os «Outros Significativos», nomeadamente a Indonésia, Portugal, a Austrália. É de prever que os factores de identificação e de identidade também se vão alterar.

REFERÊNCIAS

Acciaioli, Gregory

1985 «Culture as art; From practice to spectacle in Indonesia», Canberra Anthropology 8. 148-172.

²⁵ *Anjungan* 1996, pp. 98-99; 109; 106.

²⁶ Ver a crítica dum antropólogo indonésio: Suparlan 1980.

²⁷ Ver Anderson 1993.

Aditjondro, George J.

1994 In the shadow of Mount Ramalau; The impact of the occupation of East Timor. Leiden: Indoc.

Almeida, António de

1994 O Oriente de Expressão Portuguesa. Lisboa: Fundação Oriente, Centro de Estudos Orientais.

Anderson, B.

1993 «Imagining `East Timor'», Arena Magazine April-May 1993: 23-27.

Anjungan Daerah Timor-Timur

199(6) Khasanbah Budaya; Profil dan prospek peluang investasi di Timor-Timur. Pengumpul Materi: Jouao Gualberto de J. Barros.

Antweiler, Christoph

1995 «An emerging regional ethnic identity in South Sulawesi», Comunicação apresentada na 1ª congresso Euroseas, Leiden.

Araujo, Abílio de

1975 Timorese elites. Canberra, n.p.

Assembleia da República

1999 Conferência interparlamentar de Lisboa por Timor Leste. Lisboa.

Barnes, R.H.

1994 «Being indigenous in eastern Indonesia», in: R.H. Barnes, Andrew Gray, Benedict Kingsbury (org.), Indigenous peoples of Asia, pp 307-322. Ann Arbor: Association for Asian Studies.

Carey, Peter

1997 «From Netherlands-Indies to Indonesia - From Port. Timor to the Republic of East Timor / Timor Loro Sae: two paths to nationhood and independence», Indonesia and the Malay World 71: 3-21.

1999 «The Catholic church, religious revival, and the nationalist movement in East Timor, 1975-98», Indonesia and the Malay World 27: 77-95.

Castelo, Cláudia

1998 «O modo português de estar no mundo»; O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961). Porto: Edições Afrontamento.

Furnivall, J.S.

1939 Netherlands India; A study of Plural Economy. Cambridge: Cambridge University Press.

Geertz, Clifford

1963 «The integrative revolution: primordial sentiments and civil politics in the New States», in Old societies and new states, pp. 105-157. Glencoe. The Free Press.

Gunn, Geoffrey

- 1995 «Language, literacy and political hegemony in East Timor», in: David Myers (org.) The politics of multiculturalism in the Asia / Pacific, pp. 117-123. Darwin: Northern Territory Press.
- Gusmão, Xanana
- 1994 Timor Leste: Um povo, uma pátria. Lisboa: Edições Colibri.
- Leach, Edmund
- 1990 Political systems of Highland Burma. London: The Athlone Press. [1954.]
- Lier, R.^aJ. van
- 1971 Frontier Society; A social analysis of the history of Surinam. The Hague: Nijhoff. [1949.]
- Lombard-Jourdan, Anne
- 1997 «François Péron et Charles Lesueur à Timor; Une chasse au crocodile en 1803», Archipel 54: 81-121.
- Masinambouw, E.K.M.
- 1980 «Bahasa bahasa di Timor Timur», Berita Antropologi 11: 68-81.
- Nash, Manning
- 1989 The cauldron of ethnicity in the modern world. Chicago / London: The University of Chicago Press.
- Reid, Anthony
- 1979 «The nationalist quest for an Indonesian past», in: Anthony Reid e David Marr (org.), Perceptions of the past in Southeast Asia, pp. 281-298. Singapore: Heinemann.
- Schouten, M.J.C.
- 2000 «A antropologia colonial sobre Timor revisitada», Acta do Congresso Práticas e Terrenos da Antropologia em Portugal. Lisboa. [no prelo.]
- Schreiner, Klaus H.
- 1997 «The making of national heroes; Guided Democracy to new Order, 1959-1992», in: Henk Schulte Nordholt (org.), Outward Appearances; Dressing State and Society in Indonesia, pp. 259-290. Leiden: KITLV Press.
- Suparlan, Parsudi
- 1980 «Orang Timor Timur», Berita Antropologi 11, 36: 37-67.
- Thomaz, Luís Filipe
- 1994a «A formação do Tétum-Praça língua veicular de Timor Leste», De Ceuta a Timor, pp. 613-635. Linda-a-Velha: Difel.
- 1994b «A língua portuguesa em Timor», De Ceuta a Timor, pp. 637-665. Linda-a-Velha: Difel.
- Vickers, Adrian e Lyn Fisher
- 1999 «Asian values in Indonesia? National and regional identities», Sojourn 14, 2: 382-401.
- Yampolsky, Philip

- 1995 «Forces for change in the regional performing arts of Indonesia», Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde 151: 700-725.
- 1999 Sulawesi: Festivals, Funerals, and Work. Music of Indonesia series 18. Washington DC: Smithsonian Folkways Recordings. (CD e livro).